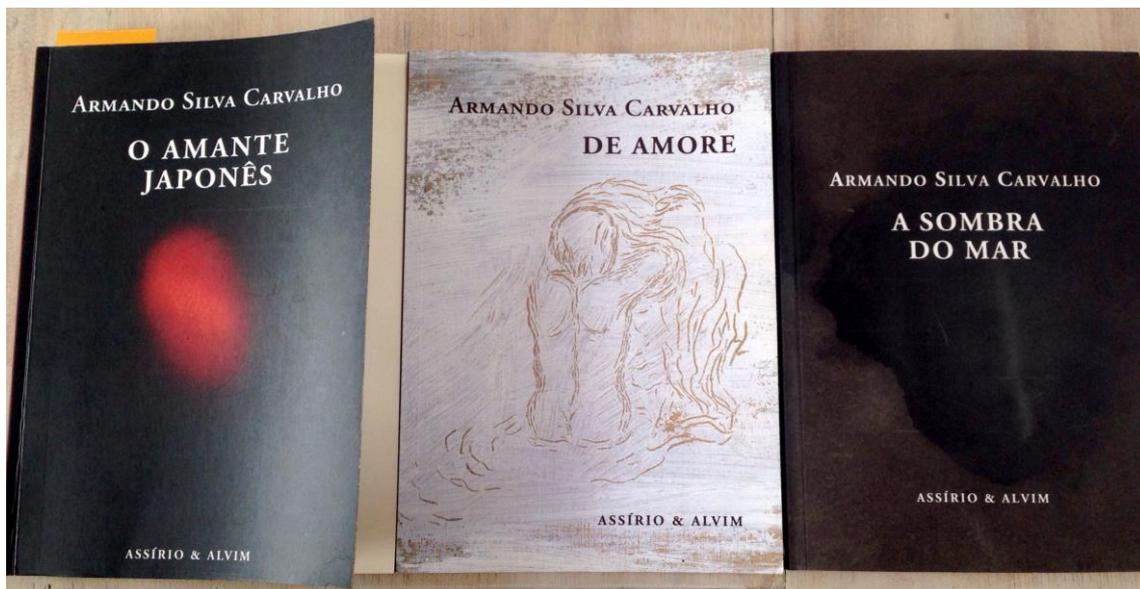


# *A LÍRICA CONSUMÍVEL TARDIA DE ARMANDO SILVA CARVALHO*



Joana Matos Frias

Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

*Camilo Pessanha*

Há pedacinhos de ossos nos teus bolsos  
De napa  
Coisas que os meus olhos perderam nessa massa enrolada  
Aí, atrás das costas.  
Conchas de ouvidos débeis pelo prazer.

O tempo dos murmúrios, quando à nossa volta  
Revoltosa, a multidão uivava,  
Vomitava,  
E tornava a recolher o sonho, o medo e o trabalho,  
Esse tempo é de pedra.  
De uma pedra calada na tua bagageira  
Recalcada.

Ossos  
Ossos de plástico, matéria breve  
E jamais reciclada.

(2008: 23)

Deixo entrar o mundo devagar  
Com o seu catálogo de catástrofes diárias.  
É mais uma visita, mais um episódio  
Duma série doméstica.  
É mais um dia virtual de imagens  
Criminosas.

Deixo o poema aberto às leis da concorrência  
Devo manter-me à sombra  
De mim próprio.

Não tenho clientela.  
Acabei o meu turno de pneus obedientes,  
De olhares elásticos,  
De manequins agressivos, envoltos em silêncio,  
Nas ruas duma tarde de província  
Em mar de Inverno.

Trago as ondas revoltas na cabeça.  
Como quem procura o prazer num vão de escada  
Lírico  
Dou alguns passos, livre,  
Mas o meu corpo cede à languidez dormente  
Do asfalto.

Sem risco nem aventura,  
Burocrata,  
O carro encosta junto à repartição pública  
E aprende, com o país,  
A espera.

(2008: 91-92)

## OS FOGOS OUTRA VEZ

Os incêndios devoram, o mundo é uma pira.  
Perguntam-se os homens pelas razões do destino  
e responde a morte, directa, erudita,  
consagrada pelo fogo.

Ciudad Juárez, Gaza, Afeganistão,  
e tantos outros nomes de sangue incendiado  
são hoje as jóias mais resplandecentes  
no corpo do planeta.

Amorosos, os crânios dos senhores da guerra  
estilhaçam crânios infantis,  
mulheres prestes a parir  
e afogam no fogo a condição  
humana.

Temos a paz apócrifa, as inovações na alma,  
o calor das salas de concertos,  
a mobilidade dos media,  
os patenteados apertos-de-mão  
dos embaixadores.

Que portentoso abraço se estende  
sobre o mundo.

Um manto que se diz babélico cobre de silêncio  
a maravilha do crime organizado.  
O céu tem ainda a penúltima  
palavra.

Torna-se difícil perceber o timbre  
da marfinada dor,  
penhor tão delicado dos poetas áureos,  
prata dos cientes cínicos, antigo camafeu  
de primeiras damas.

O amor é um forno que arde,  
visível ou invisível,  
segundo a irradiação dos corações sensíveis,  
do gesto das panorâmicas,  
da demência erótica dos domadores  
da luz.

(2012: 30-31)

## OS DOIS DE LANZAROTE

Eram um casal aéreo, cruzavam aeroportos,  
digo eu o delator, o escriba acorçado, e sigo-os  
nas suas fantasias voadoras,  
açambarcando as nuvens, os romances,  
toda a luta de classes  
nas longas, estreitíssimas passagens dos jactos  
pelo céu alucinante e cru.

Um casal a encher uma península.  
Ruídos pérfidos perseguiram a sua alta rota revoltada,  
a ela lambuzavam-lhe os vestidos, transparentes,  
abertos sobre as nuvens.  
E a ele arrancavam-lhe os cabelos  
agarrados ao cérebro.  
Mas eles voam mais alto, no assombro, mais livres.

Só eu pareço agora um cão acabrunhado  
nas coxias deste chão sem ar,  
e os olhos presos naquela exuberância.  
Eles são dois padrões erguidos na terra retalhada  
pelos elegantes domadores da fala,  
e do mar mediterrâneo.

Recordai, ó leitores, a exibição da ternura,  
a estridência feliz dos abraços frente à multidão,  
a imponência do sucesso a pulso.  
Um velho, uma mulher madura, uma ilha vulcânica.  
E o ar que acolhe os seus impulsos  
com a firme decisão de fazer estremecer  
o mundo.

(2012: 41-42)

## ZAPPING SEGUNDO JOÃO

Ela tem os peitos caídos, distantes já do coração  
e às costas o esqueleto do filho,  
vivo ainda nos olhos,  
no branco dos seus globos  
onde Deus se esconde para melhor  
ser visto.

Deixemos a câmara pastar e comparar imagens.  
As belas anoréxicas também  
dispensam seios,  
os acessórios do sexo,  
e vão desfilando programadas nos seus trapos  
de luxo.

É a técnica, a sofreguidão da técnica,  
a distribuir, secreta como um feiticeiro a quem pagam  
milhões,  
esta veloz, mecânica, metálica  
versão do amor humano, em zooms zoológicos.

Por mim eu gostaria de confiscar o primeiro  
dos deuses,  
obrigá-lo a escolher definitivo os prodígios da Besta  
ali, frente aos meus olhos de espera  
entontecida.

Que ele venha com a beleza terrível dos versículos  
sobre a ira dos textos,  
e essa mulher assentada no animal escarlate,  
com a palavra mistério tatuada na testa  
dizendo:  
sou a grande cidade.

Que eu veja a voz do anjo e a sua mó,  
a cidade sepulcro entre os delírios da morte  
e os livros que há da vida.

E descubra numa nova terra, para lá dos cínicos,  
os olhos da criança a rir, ali, no filme ou fim do mundo,  
sentada no cordeiro, o primeiro  
e o último.

(2012: 45-46)

## COTAÇÕES

O prazer dos ricos tem um peso? Pode esse prazer pesar  
na garganta da tarde, na despudorada fala oficial  
que é a bolsa,  
a que se difunde como uma notícia patriota,  
um crime glorioso,  
ou uma vitória no desporto?

As esforçadas marcas conseguidas pelos pobres,  
a sua intervenção na euforia interna,  
no tão designado produto bruto,  
que estátuas levantarão da terra produtiva,  
nos ciclos do padrão-ouro  
e no papel-moeda?

Temos que recolher todas estas garantias do prazer  
para construir a glória,  
temos que juntar os milhões do atleta,  
as performances do político, as habilidades dos emigrantes,  
o mal cuidar da língua,  
para podermos dizer com toda a consciência  
que chegámos novamente à Índia.

(2015: 56)

## A PROSA DO TERROR

1.

O terror vai-se acumulando lá fora.

Ao princípio ele primava pela distância, via-se, ouvia-se, virtual.

Linhas em sangue vivo podiam circular pelas vizinhanças,

trocavam-se os idiomas por deus,

nasciam e morriam problemas, corriam pelas palavras da noite

os fantasmas do dia.

Mas tudo se ocultava por fim, negro e sem sol redimível,

numa espécie de armário humaníssimo

à prova do corpo a corpo.

Como se lança um dardo desportivo, assim foi a conversa

do poema e da vida.

Iam-se tomando medidas entre país e país,

discutiam-se as possíveis ciências do futuro, o desfrute mental

de possíveis refúgios,

as sempre consumíveis teorias sobre a paciência,

a brilhante ogiva teatral do mundo.

Agora já se observa o lixo armazenado,

as cabeças cheias e coloridas, as artes recicláveis

consoante os estilos de morte,

os braços nus e trabalhados numa pose de séculos,

a sempre apregoadada, bendita mãe de todos os desastres,

a rotineira novela do petróleo,

os seios fictícios de Angelina Jolie, a nova namorada de Clooney,

tudo isso concentrado em trinta segundos.

E o degolar gargantas ou enviar mísseis como apertos de mão,

em gran finale.

Ah, ainda se vive tão bem

nesta velha europa.

(2015: 29-30)

## BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Armando Silva (2006) *O Que Foi Passado a Limpo: Obra Poética 1965-2005*, pref. José Manuel de Vasconcelos, Lisboa, Assírio & Alvim. (inclui os livros: *Lírica Consumível*, 1965; *O Comércio dos Nervos*, 1968; *Os Ovos d'Oiro*, 1969; *O Peso das Fronteiras*, 1976; *Armas Brancas*, 1977; *Eu Era de Areia*, 1977; *Técnicas de Engate*, 1979; *Sentimento dum Acidental*, 1981; *Alexandre Bissexto*, 1983; *Canis Dei*, 1995; *Lisboas*, 2000; *O Barulho de Deus*, 2001; *Sol a Sol*, 2005)

CARVALHO, Armando Silva (2008) *O Amante Japonês*, Lisboa, Assírio & Alvim.

CARVALHO, Armando Silva (2012) *De Amore*, Lisboa, Assírio & Alvim.

CARVALHO, Armando Silva (2015) *A Sombra do Mar*, Lisboa, Assírio & Alvim.